

A (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Kecya Nayane Lucena Brasil¹
Aluisio Ferreira de Lima²
Raul Max Lucas da Costa³
Meire Silva de Lima⁴

RESUMO

O presente artigo se propõe a discutir sobre o processo de construção identitária dos catadores de materiais recicláveis, conhecendo quem são esses sujeitos, suas relações sociais e profissionais. A pesquisa teve uma perspectiva qualitativa utilizando entrevistas semiestruturadas aplicadas em 08 (oito) catadores membros da Associação Engenho do Lixo, localizada na cidade de Juazeiro do Norte-CE. Os dados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo. O trabalho com a catação revelou-se como a única forma de sobrevivência encontrada pelos catadores que em meio à informalidade e ao desemprego viram-se na necessidade de exercer tal atividade. Conclui-se que a identidade do catador ainda é estigmatizada, todavia, percebe-se que aos poucos ela tem se modificado ao adquirir características de relevância social, com destaque para a importância ambiental e econômica da atividade.

Palavras-chave: *Identidade; Estigma; Catadores de Materiais Recicláveis; Psicologia Social.*

¹ Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

² Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

³ Doutorando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

⁴ Graduada em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA).

THE IDENTITY CONSTRUCTION OF RECYCLABLE MATERIAL COLLECTORS IN JUAZEIRO-CE

ABSTRACT

This article aims to discuss the process of identity construction of recyclable material collectors, investigating who are these individuals, which are their social and professional relationships. The study used a qualitative perspective applying semi-structured interviews to 08 (eight) members of the Associação Engenho do Lixo, located in Juazeiro do Norte-CE. The data was analyzed using Content Analysis. Collecting recyclable material has proved to be their only way of living amidst informality and unemployment. We conclude that the identity of the collector is still stigmatized, but has been gradually modified, acquiring social relevance, because of the emphasis on the environmental role of this economic activity.

Keywords: *Identity; Stigma; Associations; Recyclable Material Collectors; Social Psychology.*

INTRODUÇÃO

A cidade de Juazeiro do Norte-CE, região metropolitana do Cariri (que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, senso 2010, possui uma população de 244.701 habitantes), tem experimentado um crescente desenvolvimento econômico e urbano, e isso tem contribuído com uma maior produção de resíduos sólidos. Os dados fornecidos pela Secretaria do Meio Ambiente de Juazeiro do Norte mostram que são produzidas aproximadamente 200 (duzentas) toneladas de lixo diariamente na cidade, das quais cerca de 110 (cento e dez) toneladas são depositadas no lixão. Sabe-se ainda que do total de lixo coletado 45 (quarenta e cinco) toneladas poderiam ser destinadas à reciclagem.

Os destinos do lixo têm repercutido na cidade. A construção de um aterro sanitário está sendo viabilizado, bem como o apoio a iniciativas que trabalhem com a reciclagem. Em Juazeiro do Norte, a Associação Engenho do Lixo, organizada informalmente em 1999 e criada legalmente em 30 de agosto de 2009 por iniciativa do seu atual presidente, conta com aproximadamente 44 sócios. A Associação se caracteriza por agrupar catadores que, além de contribuírem para solucionar a problemática do lixo ainda realizam um trabalho de reflorestamento: a cada 500 kg de material coletado e comercializado, o catador deve plantar uma árvore em algum espaço da cidade.

O estatuto da associação supracitada afirma que ela foi constituída tendo como finalidades: subsidiar o processo de organização dos catadores que trabalham no lixão e nas ruas deste município desde que seja a sua única fonte de geração de renda; protagonizar sua significância social e econômica, com a família e com a sociedade; representar os associados e buscar melhorias junto ao poder público para viabilização das Políticas Públicas Ambientais voltadas para a reciclagem e coleta seletiva de lixo como alternativa de geração de renda; possibilitar ao associado uma nova perspectiva de sobrevivência e valorizar sua atividade promovendo a informação, a conscientização e a mobilização da população em geral para a importância da reciclagem de material e ainda; desenvolver a capacitação profissional, social e humana dos seus associados.

O “Catador de Materiais Recicláveis” (nova ocupação profissional, classificada no Brasil em 2002 pelo Ministério do Trabalho) construiu uma identidade coletiva marcada pelo estigma e pela exclusão social. Sujeito às opiniões negativas que o associam à sujeira e desvalorizam sua atividade, sua imagem foi associada ao próprio lixo, visto como material descartável e inútil. Por outro lado, os catadores têm procurado organizar-se em associações cujo trabalho tem como desafio possibilitar maior participação social e política, promover relações de igualdade e confiança, fomentar o bom desempenho socioeconômico e o reconhecimento social.

Nesse cenário parece oportuno compreender como tem ocorrido o processo de construção identitária desses catadores, e, principalmente, como tal processo tem se expressado frente ao reconhecimento social. Seria essa nova identidade estigmatizada e desvalorizada ou expressaria um sentido emancipatório? No presente artigo procuramos assinalar como têm ocorrido as metamorfoses identitárias de um grupo específico de Catadores de Materiais Recicláveis, sócios da Associação Engenho do Lixo, apresentando suas experiências com o trabalho, com a Associação e com as relações sociais.

SOBRE A IDENTIDADE

As discussões acerca da identidade têm ganhado maior visibilidade no cenário acadêmico atual, e também nas relações sociais cotidianas. Isso porque a identidade é um problema universal, que discute questões da ordem do individual, assim como do coletivo (PEREIRA, 2002). Diversos autores contemporâneos (RICOEUR, 1991; CALHOUN, 1994; FOUCAULT, 1990; ALCOFF et al, 2006; ALCOFF, 2006; HALL, 2009) têm afirmado que o interesse na compreensão da identidade, seja ela individual ou coletiva, tem estimulado as pesquisas baseadas em testemunhos, diários pessoais, autobiografias e outras fontes de experiência humana. Por outro lado, tal como assinalaram Lima et al, (2012, p. 11) “a questão da identidade social tem causado diversos incômodos no mundo acadêmico contemporâneo, sobretudo para a psicanálise, sociologia, ciência política, antropologia, história, literatura e psicologia”. Isso porque o uso comum do termo identidade quase sempre tem apresentado uma variabilidade conceitual que torna difícil seu uso sem uma devida contextualização.

No Brasil a temática da identidade ocupa espaço de destaque nas pesquisas da Psicologia Social Brasileira, em especial na perspectiva de uma Psicologia Social Crítica, tal como foi proposta por Silvia Lane (1995), nos anos de 1970 durante a chamada “crise da Psicologia Social”. Nessa perspectiva, Ciampa aparece como o pioneiro ao apresentar, ainda em meados dos anos de 1980, uma concepção de identidade crítica aos modelos essencialistas e cristalizados até então utilizados para analisar a história dos sujeitos.

Para Ciampa (1994) o sujeito não deve ser visto de uma forma isolada, mas a partir das relações que estabelece, uma vez que o mesmo se constrói no contato com o outro em movimentos de negociação entre identificações e representações. Conforme explicam Lima et al, (2012), a identidade se expressa e pode ser melhor compreendida como a expressão de várias personagens que os indivíduos vivem durante suas vidas. Nessa relação de movimento, somos aquilo que o outro nos predica, ou seja, aquilo que o outro diz sermos, aquilo que dizemos ser e também aquilo que negamos, quando não estamos sendo ao representar uma determinada personagem.

Ao estudar o conceito de identidade nos dicionários, Ciampa (1994) percebeu que ela seria a articulação da diferença e da igualdade. Ela é descrita em primeiro lugar como aquilo que caracteriza e determina uma pessoa, diferenciando-a de todas as outras, mas também é responsável pela identificação do sujeito. Ora, identificar também é unir, igualar e confundir. Dessa forma, a identidade pode ser vista como o próprio processo de identificação, sendo assim, ao mesmo tempo em que o sujeito se torna único e diferente, ao identificar-se acaba por tornar-se semelhante. A identificação está presente nos mais diferentes tipos de interações sociais em que se estabelecem vínculos emocionais, ou seja, nos processos de imitação, idealização, nos sentimentos por um líder e inclusive nas identidades grupais (BEIVIDAS; RAVANELLO, 2006).

A identidade, portanto, é construída a partir de marcas deixadas no sujeito pelos seres com os quais há um processo de identificação. Nesse processo, ela se constitui e é constituída pela história, de forma ativa, uma vez que o indivíduo

“não é apenas um receptáculo inofensivo que incorpora as predicções e as dramatiza no cotidiano, mas também propõe novas personagens, se autodetermina; ele não é apenas um cidadão, um membro da comunidade, ele reage também a essa comunidade e a transforma com suas reações” (LIMA et al, 2012).

É certo que essa reação nem sempre é favorável, uma vez que, sendo resultante de um processo relacional, torna-se possível construir uma identidade positiva ou negativa, esta última permeada por características depreciativas e estigmatizantes.

Isso ocorre porque nossa sociedade estabelece diferentes categorias de pessoas que podem ser nela encontradas, cada qual com seus atributos e com suas informações sociais (GOFFMAN, 2004). A informação social é transmitida por signos (características, comportamentos, expressões corporais) que podem completar a imagem que a sociedade possui de um determinado indivíduo. A mesma mostra-se como colaboradora na construção da identidade dos sujeitos, que pode ser construída utilizando características estigmatizantes.

É importante destacar que o termo estigma é usado aqui como empregado por Goffman (2004), ou seja, como algo negativo, depreciativo, que pode fazer toda a diferença nas relações sociais. O estigma, nessa acepção, constrói e legitima os discursos sobre os desacreditados (indivíduos que apresentam características depreciativas conhecidas ou visíveis, e que por isso não podem ser escondidas) e desacreditáveis (indivíduos cujas características não são imediatamente percebidas e que por isso muitas vezes são ocultadas).

Essa discussão é pertinente ao considerarmos o contexto no qual estão inseridos os catadores, sobretudo quando lembramos que é o “lixo” e a “rua” que aparecem como pano de fundo para a construção da política de identidade⁵ desses indivíduos (OLIVEIRA et al, 2007; MEIRELLES et al, 2008). Essa política de identidade propiciou aos catadores a construção de uma identidade estigmatizada e desvalorizada, confundindo sua imagem com o próprio lixo, como bem assinala Carmo (2009), ao observar que o catador sofre o impacto do estigma do lixo, gerado pelo conjunto de conotações ruins que tal material apresenta. Os resultados dessa visão depreciativa que a sociedade possui do catador — de humilhação e vergonha —, é, via de regra produzir exclusão cultural, subjetiva, econômica e política (CUNHA, 2009), além de manter a marginalidade (MEIRELLES et al, 2008, p. 11).

Contraditoriamente, essa política de identidade também sofreu transformações consideráveis ao longo dos últimos anos, pois os catadores têm se tornado os novos

⁵ Lembrando que “as políticas de identidade obedecem a razões politicoestratégicas de determinados atores sociais, direcionando os relacionamentos entre os indivíduos e entre os diferentes grupos que integram uma dada sociedade” (LIMA, 2010, p. 186).

agentes econômicos da sociedade, que assumem um papel desvalorizado, mas extremamente importante: o cuidado com o meio ambiente. O catador é um agente ambiental de extrema importância para o meio ambiente e para a economia. Nesse último caso, é possível pensar que a necessidade social da atividade do catador pode ser um elemento de modificação e servir de impulso para a superação da política de identidade (segregadora) negativa e limitadora.

Mesmo diante de uma política de identidade desvalorizada, vários catadores estão procurando se reunir em associações para tentar modificar a forma como são reconhecidos, buscando assim conquistar uma maior legitimidade social. Segundo Chanial et al, (2009) a cada ano são criadas milhares de associações que funcionam a partir do princípio de solidariedade e cooperação, influenciando na conquista de novos espaços e no exercício da cidadania. Além disso, para Leonello (2010) o Associativismo tem como desafio contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas e gerar seu desenvolvimento, utilizando para isso a convivência e a circulação da experiência compartilhada por um grupo de iguais, onde há uma influência recíproca entre seus membros.

A cada dia os catadores têm buscado mais alternativas para melhorar suas condições de trabalho, organizando-se em empreendimentos econômicos e solidários, aumentando assim suas possibilidades de acesso às Políticas Públicas. A organização dos catadores tem possibilitado inúmeras conquistas, dentre as quais a classificação da atividade profissional pelo Ministério do Trabalho. O Decreto 397, publicado no Diário Oficial da União em 10 de outubro de 2002, identifica a atividade como ocupação brasileira sob o código 5192-05, denominando-a com o título “Catadores de Materiais Recicláveis” (BASTOS, 2008, p. 15). O reconhecimento da profissão tem destacado a importância do catador como agente ambiental, um cuidador do meio ambiente.

Enquanto grupo, os catadores têm a possibilidade de lutar pela modificação dessa política de identidade estigmatizada, em busca de uma política de identidade diferenciada, capaz de produzir uma identidade com elementos emancipatórios, com melhores perspectivas socioeconômicas e com a possibilidade de construir significados para sua existência nos quais eles possam ser reconhecidos como agentes de mudança ambiental. Certamente essa não é uma tarefa fácil.

METODOLOGIA

A pesquisa teve uma perspectiva qualitativa. Segundo Neves (1996, p. 1) “Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados”. Foi com o objetivo de conhecer o fenômeno pela perspectiva do entrevistado que a pesquisa qualitativa foi escolhida como metodologia.

Foi utilizada como coleta de dados a entrevista semiestruturada e as questões norteadoras da entrevista foram: perfil socioeconômico; atividades realizadas antes do trabalho com a catação; início do trabalho de catação; tempo de trabalho; importância da catação para os entrevistados; sentimento do catador em relação a sua atividade profissional; dificuldades encontradas para a prática; percepção da família e da comunidade sobre a catação; conhecimento sobre o Associativismo; início na Associação; história da Associação; e mudanças percebidas após o ingresso na Associação Engenho do lixo.

As entrevistas foram aplicadas na Associação Engenho do Lixo em uma amostra de oito (08) catadores, todos sócios, de ambos os sexos, com idade acima de 18 anos. Os sujeitos não associados ou que se associaram a menos de 01(um) ano foram excluídos da amostra. No que diz respeito ao número de sujeitos pesquisados, utilizou-se o ponto de saturação do sentido (GASKELL, 2008, p. 71), ou seja, no momento onde não obtivemos mais novos dados ou percebemos uma homogeneidade nas narrativas encerramos as entrevistas.

Os participantes não foram escolhidos previamente, à medida que entravam no prédio da Associação iam sendo convidados a participar da pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas com prévia autorização do entrevistado e posteriormente foram digitadas. Importante assinalar que, antes das entrevistas serem realizadas, todas as exigências éticas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) foram atendidas.

Os dados foram analisados segundo a Análise de Conteúdo, que tem como ponto de partida “(...) a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (FRANCO, 2007, p. 12). E seguiu as

03 (três) fases propostas por Bardin (1977): pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Sendo assim, depois de realizadas as entrevistas, e transcritas fidedignamente, realizou-se uma leitura flutuante, algumas hipóteses e indicadores foram levantados, e em seguida foi feita a codificação. A interpretação foi realizada através da análise temática que decompõe o texto em unidades agrupando as categorias que surgem das falas representativas dos sujeitos em grandes temas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram entrevistados 08 (oito) sócios, sendo 04 (quatro) do sexo feminino e 04 (quatro) do sexo masculino. A idade dos entrevistados variou entre 28 anos e 72 anos, alcançando uma média de 50 anos. Quanto à escolaridade, observou-se que os catadores entrevistados tiveram dificuldade ao acesso escolar devido ao trabalho infantil e à falta de recursos financeiros para se manterem na escola. Dessa forma, nenhum dos entrevistados chegou a concluir o Ensino Fundamental, sendo que 06 (seis) foram apenas alfabetizados sabendo somente escrever o nome e ler algumas letras. A baixa escolaridade aparece no relato do catador como responsável pelo seu desemprego, por sua inserção no trabalho informal, e por sua inclusão na atividade de catador. Outras pesquisas, tais como as Medeiros et al, (2006) e Moraes (2009) também constataram a baixa escolaridade do catador e sua relação com a dificuldade de inserção no mercado formal.

Todos já trabalhavam com a catação há mais de 05 (cinco) anos, variando entre 05 (cinco) anos e 26 (vinte seis) anos de trabalho diário, a média de tempo de trabalho sendo de aproximadamente 11 anos. Quanto à rotina de catação, a maioria dos entrevistados cata diariamente, todos os dias da semana, com carga horária superior a 9 horas diárias. Percorrem diferentes bairros da cidade, sendo que as mulheres geralmente utilizam carrinhos (carrinho de mão) mais leves e os homens carregam maior quantidade de material em carros maiores.

Quanto à renda adquirida os entrevistados afirmaram que varia, dependendo do dia e do esforço pessoal de cada um. Há dias em que há muito material (no período de romaria, ou algum evento na cidade), nos quais é possível conseguir 30 ou 40 reais. Na

maioria dos dias pode-se adquirir somente 10 (dez), 08 (oito) reais ou não se consegue dinheiro nenhum. Recebem mensalmente em média 240 reais.

Foram identificadas 06 (seis) categorias representativas das falas dos sujeitos: a inserção na atividade de catador; as dificuldades enfrentadas no trabalho; a percepção do catador sobre sua atividade; a concepção da família acerca da atividade de catador; a concepção da sociedade sobre a catação; o trabalho como cooperado. Estas categorias serão discutidas seguindo das mais representativas às menos representativas.

INSERÇÃO NA ATIVIDADE DE CATADOR

Na investigação sobre o primeiro contato dos entrevistados com o trabalho de catador de materiais recicláveis e na busca por compreender sua inserção na atividade, identificou-se duas categorias: histórico de trabalho informal e falta de opção.

Quanto à categoria "histórico de trabalho informal" constatou-se que todos os entrevistados haviam trabalhado somente na informalidade, sendo que 02 (dois) exerceram a profissão de pedreiro, 02 (dois) trabalharam com agricultura, 02 (duas) como empregadas domésticas, 01 (uma) em uma fábrica informal e 01 (uma) exercia atividade de dona de casa. Quando questionados sobre o interesse por essa atividade anterior à catação, 50% afirmaram gostar da atividade por ser a única fonte de renda, mas disseram ainda que tiveram de deixá-la devido à idade elevada, doenças físicas ou mudança de cidade. Já 50 % disseram não gostar da atividade e só terem trabalhado nela por falta de opção. As pesquisas realizadas por Silva et al, (2011) também revelaram que as principais atividades exercidas antes da catação pelos entrevistados foram serviços gerais, agricultura e construção civil.

Ao fazer uma avaliação dessas atividades exercidas pelo catador percebe-se que em nenhuma ele teve seus direitos garantidos, nem pôde trabalhar na formalidade e que o salário mensal sempre foi baixo, bastando apenas para subsistência familiar.

As dificuldades físicas e financeiras para manter as atividades prévias (doenças, mudanças de cidade, pouco retorno financeiro e desemprego) direcionaram os entrevistados a se inserirem em outra profissão, a catação, que surge como uma forma de garantir a subsistência nesse período de crise e limitações econômicas.

Sobre a categoria "falta de opção" os dados revelaram que a maioria dos catadores começou a catar por falta de uma atividade profissional que oferecesse um

salário mínimo capaz de garantir alguns dos principais e básicos direitos humanos: a alimentação, a moradia, a educação e a saúde. Dessa forma, não percebendo opção profissional, optaram ganhar a vida com a catação.

Os dados encontrados mostram que a identidade de catador lhe foi, assim, imposta, uma vez que ele se vê impossibilitado de optar por ela segundo suas preferências pessoais. Tal fato se apresenta associado à falta de oportunidades educacionais, financeiras, sociais e culturais. A catação se apresenta como sendo a única maneira de subsistência encontrada por esses sujeitos, já que a maioria, antes do trabalho com a catação, encontrava-se desempregada ou inserida na informalidade. Todos os entrevistados afirmaram ser apenas essa a única forma de garantir a renda da família.

DIFICULDADES ENFRENTADAS NO TRABALHO

Ao responder sobre as dificuldades enfrentadas, os entrevistados trouxeram dados que puderam ser incluídos em quatro categorias principais: reclamações de terceiros; riscos para a saúde; e baixo rendimento financeiro.

Quanto à categoria "reclamações de terceiros", todos os entrevistados afirmaram ter dificuldade quando estão catando e receberem muitas reclamações dos donos das casas por deixar as sacolas desamarradas quando na verdade não foram eles e sim outros catadores que as abriram.

Sobre os riscos para a saúde, alguns catadores entrevistados afirmaram que a maior dificuldade é o dano causado pela atividade à saúde do trabalhador, uma vez que inalam gases tóxicos, tocam em objetos desconhecidos e pontiagudos, além de carregar o peso dos materiais na coluna. Dessa forma, a atividade segundo eles, traz riscos físicos, químicos, ergonômicos e sociais.

Pesquisas realizadas por Cavalcante et al, (2007, p. 223) mostraram que o catador se expõe aos agentes ambientais danosos principalmente "(...) por meio da inalação, do contato dérmico, da contaminação por alimentos, além dos riscos ocupacionais a que estão sujeitos, tais como acidentes diversos, cortes, atropelamentos por tratores e caminhões". Estudos feitos por Porto et al. (2004) também destacaram as condições de insalubridade e precarização nas quais tais sujeitos estão envolvidos.

Outra dificuldade relatada foi o baixo rendimento financeiro possibilitado pela atividade. Os dados mostram que o dinheiro ganho pelo catador em sua atividade muitas vezes não é suficiente para suprir suas necessidades básicas de alimentação, moradia e vestimentas. Assim, segundo Broering et al, (2011), a renda do catador é muito baixa e não garante as condições dignas às quais todo indivíduo tem direito.

PERCEPÇÃO DO CATADOR SOBRE SUA ATIVIDADE

Nesse tema surgiram três categorias principais: importância dada pelo catador à sua atividade profissional; sentimentos relativos ao trabalho; autonomia da atividade. Uma vez que as representações de si (muitas formadas por experiências vivenciadas no trabalho) contribuem para a construção identitária, buscou-se entender sobre a percepção que o catador tem sobre sua atividade.

Quanto à categoria "importância dada pelo catador à sua atividade profissional", percebeu-se que 06 (seis) catadores acreditam que a catação é uma atividade importante por ser a única fonte de renda familiar e porque a mídia vem divulgando a relevância da atividade junto aos cuidados ambientais e econômicos no trabalho de transformação de materiais. Alguns entrevistados relataram que a importância do trabalho de catação está relacionada à saúde do planeta:

Pra mim, é muito importante, eu mesmo tenho orgulho, mesmo que eu trabalho e ganho bem pouco, ganho pouco, mas pra mim, eu vejo aqueles projetos que passa na televisão contando as histórias do planeta, de ver o planeta já mais limpo, num ver sujo mais, a cidade mais, como agora, você anda e num vê mais sujeira na rua (Sexo feminino, entrevista 02).

O estudo de Gonçalves (2006) apresentou resultados semelhantes aos encontrados acima, o catador também tem atribuído a importância de sua atividade ao bem estar produzido para a sociedade, revelando um pensamento que busca superar os estigmas sociais. Outros 02 (dois) entrevistados relataram não existir nenhuma importância na atividade, pois a renda mensal é muito baixa, além de sofrerem muitas humilhações durante o serviço.

Quanto aos sentimentos relativos ao trabalho, os entrevistados afirmaram se sentir bem em serem catadores, uma vez que exercem o trabalho de forma honesta e digna, não precisando para sobreviver realizar atos ilícitos. Assim, o significado de dignidade está relacionado à realização de um trabalho honesto, caracterizado por não

cometer delitos. Tais resultados também foram encontrados na pesquisa de Sousa et al, (2006) quando os catadores relataram perceber seu trabalho como digno e encontrar nele a oportunidade para sustento da família.

Santos et al,(2009) perceberam em suas pesquisas uma dinâmica diferenciada, já que a maioria dos catadores não considerava sua atividade importante e nem digna, e isso porque o significado de dignidade, para eles, estava relacionado a ganhar dinheiro. Apenas um catador disse que a atividade era digna, relacionando-a a trabalhar sem cometer atos delituosos.

No geral, os resultados encontrados mostram que a maioria dos catadores entrevistados consegue ver importância no seu trabalho, não apenas de subsistência, mas também de contribuição com o meio ambiente. Além disso, eles relatam sentir-se bem ao realizar sua atividade profissional.

Todos os entrevistados apresentam a atividade de catação como diferente de todas as outras por ser capaz de gerar certa autonomia da atividade. Não há patrão ou empregado, se trabalha quando “se quer”, sem a necessidade das responsabilidades e da submissão a terceiros: *“A gente tá trabalhando pela gente, não tá recebendo abuso de ninguém, humilhação de ninguém, num tem hora marcada de chegar” (Sexo feminino, entrevista 05).*

Tais resultados corroboram os encontrados por Sousa et al, (2006), que concluíram ser o trabalho do catador organizado de maneira independente, relatando não haver horário fixo para o início e fim da atividade, além de não existir relação de mando entre os trabalhadores.

CONCEPÇÃO DA FAMÍLIA ACERCA DA ATIVIDADE DE CATADOR

A fim de verificar se o catador realmente possui uma identidade estigmatizada, buscou-se investigar a percepção da família acerca da atividade de catador assim como compreender como se encontra essa relação familiar. Sobre isso, na fala dos entrevistados, duas categorias principais surgiram: atividade aceitável; atividade inaceitável.

Quanto à categoria de atividade aceitável, observou-se que alguns familiares não querem que seu parente trabalhe como catador, mas que se veem obrigados a aceitar por

ser a única fonte de renda à qual têm acesso. Então, já que não podem fazer o catador desistir da atividade passam a criticá-lo, falar mal, aconselhar a conseguir outro emprego com a justificativa de que esta é uma profissão de risco à saúde e à vida, além de vergonhosa e humilhante por ter que lidar com o lixo. *“Eles dizem: oh mãe larga essa vida que essa vida num dá pra senhora não, a senhora vai pegar uma doença. Ai eu vou e digo quem é que vai me dar, se eu não meter a mão no lixo? Ai fica tudo calado.”* (Sexo feminino, entrevista 07).

Já a categoria de atividade inaceitável revela a existência de famílias que não aceitam de forma alguma a atividade de catador e acabam excluindo-o de seu cotidiano devido às roupas sujas e rasgadas e ao contato direto que eles têm com o lixo, capaz de gerar mau cheiro,

Oh ninguém aceita, eu sou separado porque sentia vergonha, o caba chegando melado em casa, sendo uma mulher que tenha bom entendimento, ela vai logo dizer, sai de perto de mim você tá fedendo, é uma dificuldade de quem tá limpo aceitar, e acho que é pouco o pessoal pra aceitar, que tem um amigo meu que diz vai pra lá, você tá com a roupa suja, oh se você se aproximar da pessoa depois de catar, você vai ser rejeitado, porque você num vai andar cheirando, catando lixo, todo melado e cheirando. (Sexo masculino, entrevista 04).

Eles chamam de lixeira e pronto, diz assim você num pode tá mais nós. Eles humilha. (Sexo feminino, entrevista 05).

As falas acima indicam uma situação de exclusão sofrida pelo catador dentro de seu lar por sua própria família e amigos próximos, que o rejeitam e humilham.

CONCEPÇÃO DA SOCIEDADE SOBRE A CATAÇÃO

A sociedade é capaz de criar categorias para representar o catador, assim, a forma como ela o percebe influencia na sua construção identitária. Aqui algumas categorias se destacam: solidariedade; consideração social; humilhação.

Quanto à solidariedade, os entrevistados comentam que existem pessoas que os tratam bem, que reconhecem sua importância na limpeza da cidade, e que, sentindo “pena” da situação, ajudam dando alimento, roupa, dinheiro e separando o material reciclável para que eles colham.

Sobre a consideração social observou-se que existem pessoas que percebem os catadores como pessoas honestas, dignas, trabalhadoras e esforçadas. As pesquisas realizadas por Dias (2002) mostraram que a maioria das pessoas que trabalham com a reciclagem vive de maneira precária. A venda do material possibilita apenas a

subsistência, mas geralmente eles contam com a ajuda de terceiros que fazem doações para suprir suas necessidades básicas.

A categoria "humilhação" mostra que algumas pessoas sentem nojo do catador, tratam-no mal, e mandam-no procurar outra profissão, além disso, questionam o porquê dele ter que viver da catação. A fala de uma catadora mostra que algumas pessoas ainda não consideram a catação como um trabalho, mas sim como algo inferior.

Os resultados desse tema corroboram os encontrados pela pesquisa de Filardi et al (2011) realizada com 21 (vinte e um) catadores sobre suas relações com a sociedade. Os dados encontrados foram: 43% dos entrevistados avaliaram que a sociedade reconhece a importância da atividade de catação, e por isso muitas vezes os ajudam a guardar e a organizar o lixo. Para os outros 57%, a sociedade desvaloriza e até humilha o catador associando esse trabalho a pessoas sujas, mostrando preconceito e deboche.

Percebe-se que o lixo é uma marca do catador, e é sim uma informação social que sinaliza a presença de um indivíduo desacreditado, uma vez que seu estigma não é facilmente escondido, já que seu trabalho é realizado na rua, onde todos podem ver, e categorizá-lo como tal. Como diz um catador: "(...) esse negócio de reciclagem lá no meio da sociedade num podia, que era lixo, que era lixo, aí o problema era isso, que eles não queriam porque nós estávamos rebaixando eles" (Sexo masculino, entrevista 03).

A informação transmitida pelo catador é de sujeira, inutilidade, de algo que pode ser descartado e que por isso é inferior e deve ser mantido abaixo das outras categorias sociais. Gonçalves (2006) também conclui em suas pesquisas que o lixo e os que se relacionam com ele são estigmatizados, e isso porque tal profissão foge do estereótipo de trabalho construído socialmente.

TRABALHO COMO ASSOCIADO

Ao analisar como está sendo construída a identidade do catador enquanto sócio da Associação Engenho do lixo, algumas categorias foram levantadas: motivação por associar-se; nível de integração na Associação e expectativas para o futuro.

Uma categoria necessária para conhecer como está a identidade do catador é a motivação por associar-se, ou seja, quais os motivos que o levaram a se tornar associado. Quanto a isso, todos os entrevistados verbalizaram que entraram na

Associação por convite do presidente, já que este se apresenta como alguém caridoso, que ajuda todos os catadores na hora das necessidades, emprestando dinheiro, oferecendo almoço, lanche, água gelada, banheiro, comprando diferentes tipos de materiais que não são aceitos nos depósitos, levando os doentes para o hospital, enfim, cuidando e ajudando a todos.

Nenhum é como ele (presidente), ninguém oferece nem um copo de água, ele dá almoço, tem merenda, água gelada, tem banheiro, se a pessoa adoecer aqui ele corre e vai pro hospital, ele vai e dá remédio aí pra meio mundo de gente que é doente e que precisa, dá a cestinha básica, ele é legal demais, se pessoa num tem nem dinheiro ganho né, mas se eu chegar pra ele e dizer assim me empreste cinquenta reais quando eu ganhar aí nós desconta, aí ele empresta, ele é uma pessoa ótima (Sexo feminino, entrevista 06).

Observa-se que os sócios entrevistados consideram o presidente da Associação como um líder que trata todos de maneira igualitária, cuidando de cada um de forma especial e ajudando-os na hora das necessidades emergenciais (de saúde, de alimentação e de moradia).

Os sócios se identificam com esse líder, desenvolvendo com ele uma ligação por um laço emocional, começam a adquirir pequenas características semelhantes ao mesmo, sejam características presentes no discurso ou até mesmo no comportamento.

Além disso, os catadores identificam suas características de trabalho, humilhação e rejeição, com as do presidente, um líder com histórico de vida de catador humilhado, que superou e criou a Associação.

Aquí é a história dele, ele era catador de lixão, ele foi muito humilhado aqui, esse galpão é doação, ele pediu e o caba doou. Ele é muito querido aqui, ele tem quatro sócios aqui com ele (Sexo feminino, entrevista 06).

Na fala acima, além da identificação que a história do presidente gerou nos catadores, destaca-se a última frase da entrevistada por mostrar que ela não se percebe como sócia da Associação, nem muito menos como dona dela. Não há ainda sentimento de pertencimento à Associação.

A categoria "nível de integração na Associação" procurou discutir como os catadores têm participado das atividades, da história e da construção do empreendimento. Os dados revelaram que os sócios não conhecem a história de fundação da Associação, nem porque, como, onde ou quando ela foi formada. Além disso, quando questionados sobre o conhecimento acerca do Associativismo, 05 (cinco) entrevistados responderam não saber nada sobre o assunto, os outros 03 (três) afirmaram que a Associação serve para ajudar as pessoas mais carentes. Uma pesquisa

realizada por Silva et al. (2011) mostrou que mais da metade dos catadores entrevistados não conheciam como se dava o trabalho associado, seus objetivos, formato e as vantagens de estar inserido em uma Associação.

Através de observações feitas pelos pesquisadores, e que não se encontram nas entrevistas semiestruturadas, percebeu-se que os sócios não tinham o hábito de participar das reuniões. Somente nos últimos meses, devido à possibilidade de construção de uma cooperativa de catadores, a frequência em reuniões começou a aumentar. Através das experiências e orientações compartilhadas nas reuniões da Associação, os catadores estão conseguindo certa organização no trabalho: a maioria dos entrevistados não cata mais aleatoriamente nas ruas, criando estratégias para facilitar sua atividade. Alguns passam nas casas deixando um número de telefone para que se solicite a coleta de material reciclável, quando houver.

As observações supracitadas também mostraram que a Associação não é autogerida por seus sócios. Não há divisão de tarefas e o presidente contrata serviço de terceiros para realizar procedimentos internos, tais como controle financeiro e separação de materiais. Os processos autogestionários “implicam processos de organização social e econômica e incluem a divisão do trabalho, visto que se trata de processo produtivo.” (BORTOLI, 2009, p. 108).

No caso do Engenho do Lixo, a Associação não se constitui ainda como um espaço de participação, engajamento e auto-organização, nem desenvolveu estratégias para garantir um bom desempenho econômico. O processo de fortalecimento da mesma tem sido lento.

Uma categoria de destaque nas falas dos entrevistados foi a das expectativas para o futuro, pois os sócios esperam ansiosos pela viabilização de uma cooperativa de catadores. A Associação está buscando transformar-se em uma Cooperativa e para isso tem realizado constantes reuniões a fim de trabalhar a construção de um grupo que possa funcionar sob os valores cooperativistas. Os entrevistados relataram que com ela esperam mudanças significativas no ambiente de trabalho e no salário.

Algumas falas isoladas apontam uma esperança de trabalho cooperativo e coletivo mas, ainda assim, os sócios não se percebem como membros da Associação, como corresponsáveis por ela, não há um pertencimento grupal. Eles associam-se sem

ter qualquer conhecimento sobre o Associativismo ou mesmo sobre a história da Associação e isso prejudica a construção de uma identidade de associado.

Muitas vezes, o engajamento em cooperativas ou associações não se dá de forma imediata. Ao contrário, é possível identificar, entre os catadores, resistências à participação o que revela ser, esta, um processo de construção e de enfrentamento de questões da vida cotidiana (GONÇALVES, 2006, p. 87). Ainda assim algumas pequenas mudanças estão ocorrendo, mesmo com as resistências o catador está começando a perceber que tem um papel fundamental no cuidado do meio ambiente, sendo um importante agente ambiental, mas isso ainda é muito pontual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo procurou oferecer uma discussão sobre a construção identitária do catador de materiais recicláveis, membro da Associação Engenho do Lixo, a partir da fala dos próprios sujeitos envolvidos na pesquisa.

Constatou-se que o perfil do catador é de idade avançada, presença equilibrada de homens e mulheres, baixa escolaridade, experiência média de 11 anos com o trabalho, rotina de catação diária, média salarial de 240 reais. Além disso, as principais dificuldades encontradas para a atividade foram: reclamações de terceiros; riscos para a saúde; baixo rendimento financeiro.

No que diz respeito à inserção dos entrevistados na atividade de catador, percebeu-se que eles começaram a trabalhar com a catação por falta de opção, pois a maioria já vinha com um histórico de trabalho informal como agricultor, pedreiro, domésticas e em pequenas fábricas. Além disso, uma das entrevistadas jamais trabalhara, apresentando certa felicidade com a catação por ser seu primeiro e único emprego. No geral, os entrevistados verbalizaram que a reciclagem foi o único meio encontrado para garantir a subsistência.

Observou-se também que as relações familiares do catador encontram-se fragilizadas. Algumas famílias aceitam a profissão por ser a única garantia de renda, mas, ainda assim, a criticam sob a justificativa de ser uma atividade humilhante e arriscada. Outras não aceitam de maneira alguma, optando por excluir o catador do convívio familiar. Nenhuma pesquisa aprofundada foi encontrada sobre a concepção

que a família do catador tem sobre essa atividade profissional, sendo assim, faz-se necessário estudar essa questão tão relevante socialmente.

Quanto à concepção da sociedade sobre a atividade do catador constatou-se que existem, segundo os entrevistados, diferentes tipos de pessoas: umas que se sensibilizam e ajudam doando materiais recicláveis, alimento, roupas e dinheiro e outras que sentem nojo, que humilham e associam o catador ao próprio lixo. Os resultados encontrados nas relações sociais do catador sinalizaram para a existência de uma identidade que mantém características estigmatizantes, já que ela está intimamente relacionada às experiências com o trabalho.

No que se refere ao trabalho como associado percebeu-se que eles ainda não estão organizados em um grupo coeso, não possuem objetivos comuns (além da garantia da sobrevivência diária), não se percebem como membros da Associação, não conhecem a história do empreendimento do qual fazem parte. Só estão associados devido à forte ligação com o líder da Associação, que se apresenta como cuidador de todos. Além disso, não estão apropriados dos conceitos e dos princípios associativistas.

Mesmo diante da realidade discutida acima, a maioria dos catadores entrevistados já consegue ver importância no seu trabalho, além de se sentirem bem em desenvolvê-lo, pois o caracterizam como um trabalho digno e honesto.

A Associação também tem oferecido um espaço para a concretização de alguns objetivos que constam em seu estatuto, tais como: a oferta ao catador de serviços assistenciais fornecidos pelas Políticas Públicas como alimentação, cadastros realizados na sede da Associação em parceria com a Assistência Social (Minha Casa Minha Vida, CadÚnico, Baixa Renda, Bolsa Família etc.); e o destaque para os cuidados ambientais, fornecidos pela troca de material reciclável por mudas de árvores, além de incentivar o catador a plantar quando atingir determinada quantidade de material coletado. Alguns objetivos foram alcançados, mas muitos ainda figuram como desafios a conquistar.

Na fala dos entrevistados surgiu um tema inesperado, a possibilidade de criação de uma cooperativa de catadores. Eles não entendem completamente o conceito de cooperativa, mas já afirmam que ela servirá para modificar suas condições de trabalho e que somente a partir daí poderão relatar alguma mudança de vida, já que a Associação não havia modificado muita coisa. Aqui surge um indicativo de pesquisas futuras, já que

os catadores mostraram-se motivados, esperançosos e até ansiosos pela criação da cooperativa. Talvez com sua implantação, o catador alcance certo pertencimento e empoderamento, já que é algo desejado e buscado através da participação em reuniões.

Antes da pesquisa prática ser realizada, esperava-se encontrar apenas uma identidade estigmatizada, na qual o catador se sentisse envergonhado, e sem esperança de modificação. Todavia, os resultados mostraram que estão ocorrendo pequenas mudanças: o catador já consegue perceber importância em sua atividade, além disso, sente-se bem ao desenvolvê-la por ser uma maneira digna e honesta de ganhar dinheiro. Nesse sentido, parece ocorrer uma transformação no significado da política de identidade direcionada ao catador, que produzia estigmatização e segregação, de modo que a identidade dos catadores entrevistados apresenta um potencial emancipatório, que aponta para uma utopia coletiva que transcende os particularismos.

Os catadores estão se organizando na catação, não catam apenas na rua, mas também estão colhendo o material por agendamento em casas específicas. Conseguem ter expectativas para o futuro, com a criação da cooperativa. A identidade do catador da Associação Engenho do Lixo ainda não está totalmente pautada na prática associativista, mas encontra-se em evidente metamorfose, os passos são lentos, as mudanças ainda não são claras, até porque o trabalho associado ainda não ocorre sob os princípios básicos de autogestão, participação e cooperação.

REFERÊNCIAS

ALCOFF, L. M. **Visible Identities: Race, Gender, and the Self**. New York: Oxford University Press, 2006.

ALCOFF, L. M., HERMES-GRACIA, M., MOHANTY, S. P. & MOYA, P. M. L. (Ed.) **Identity Politics Reconsidered**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTOS, V. P. **Catador: profissão: um estudo do processo de construção identitária, do catador de lixo ao profissional catador. Jardim Gramacho, de 1996 aos dias atuais**. Tese de doutorado, 2008.

BEIVIDAS, W.; RAVANELLO, T. Identidade e identificação: entre semiótica e psicanálise. **Alfa**, São Paulo, 129-144, 2006.

BORTOLI, M. A. Catadores de materiais recicláveis: a construção de novos sujeitos políticos. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 12 n. 1 p. 105-114 jan./jun. 2009.

BROERING, L. W.; LUZ, T. B. **Catadores de lixo ou agentes ambientais? Um olhar para o trabalho e seus sentidos em uma Cooperativa de Recicladores do Município de Ituiutaba-MG**. São Paulo, 2011.

CALHOUN, C. (Ed.) (1994). **Social Theory and the Politics of Identity**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994.

CARMO, Scarlet. **A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro**. Cad. EBAPE.BR , 2009, vol.7, n.4, pp. 591-606.

CAVALCANTE, S.; FRANCO, M. F. A. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Rev. Mal-Estar Subj**, vol.7, n.1, 2007. pp. 211-231.

CHANIAL, P.; LAVILLE, J-L. Associativismo. In: CATTANI, A. D., LAVILLE, J-L., GAIGER, L. I, & HESPANHA, P. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Edições Almedina, A. S. Coimbra, 2009.

CIAMPA, A. C. (1994). **A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CUNHA, M. R. R. L. Risco e consumo: a construção da identidade a partir do lixo. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 19, n. 3/4, p. 185-205, mar./abr. 2009.

DIAS, A. R. **Condições de vida, trajetórias, e modos de “estar” e “ser” catador: Estudo de trabalhadores que exercem atividade de coleta e venda de materiais recicláveis na cidade de Curitiba (PR)**. Dissertação de mestrado, São Paulo, 2002.

ENGENHO DO LIXO. **Estatuto de Fundação da Associação Engenho do Lixo**. Juazeiro do Norte, 2009.

FILARDI, F., SIQUEIRA, E. S.; BINOTTO, E. Os catadores de resíduos e a responsabilidade socioambiental: a percepção sobre seu lugar social. **Rev. de Gestão Social e Ambiental**, 2011.

FOUCAULT, M. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Madrid: Paidós / I.C.E.-U.A.B, 1990.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2ª ed. Brasília: Liber Livro, 2007.

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e Grupais. In: M. W. BAUER; GASKEL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 7a. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 64-89.

GOFFMAN, E. **Estima: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Sabotagem, 2004.

GONÇALVES, M. P. **Do material reciclável sobreviver, resistir, e dele uma identidade construir**. Dissertação de mestrado, 2006.

HALL, S. Da diáspora. **Identidade e Mediações Culturais**. Organizado por Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**.

LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In LANE, S. T. M e SAWAIA, B. B. (orgs.) **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: EDUC e Brasiliense, 1995.

LEONELLO, J. C. **O associativismo como alternativa de desenvolvimento na dinâmica da Economia Solidária**. Tese de doutorado apresentado na Universidade Estadual paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2010.

LIMA, A. F. **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica**. São Paulo: EDUC, 2010.

LIMA, A. F.; CIAMPA, A. C. **Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica.** In: LIMA, A. F. (Org.). **Psicologia Social Crítica: Parallaxes do Contemporâneo (no prelo).** Porto Alegre: Sulina, 2012.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. (2006). **Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?.** **Psicol. Soc. [online]** vol.18, n.2, 2006. pp. 62-71.

MEIRELLES, D. R. S.; GOMES, L. C. M. **A busca da cidadania, a cooperativa de catadores de materiais recicláveis do aterro metropolitano de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias–RJ.** Rio de Janeiro, 2008.

MORAES, C. A. S. **Catadores da sobrevivência: a “matéria viva” no cenário do lixo.** **Vértices, Campos dos Goytacazes / RJ**, v. 11, jan./dez., 2009.p. 109-124,

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisa em administração. São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, M. M.; LUDWIG, M. P.; GRIFFITH, J. J.; SILVA, P. F. G. **Catadores de materiais recicláveis e suas representações sociais sobre lixo e trabalho.** Dissertação de mestrado, 2007.

PEREIRA, I. **Identidades em rede: construção identitária e movimento associativo.** *Sociologia*, set., n.40, 2002. p.87-106.

PORTO, M. F. S.; JUNCÁ, D. C. M.; GONÇALVE, R. S.; FILHOT, M. I. F. **Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, BRASIL.** *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, nov-dez, 2004.

RICOEUR, P. **O si mesmo como um outro.** Campinas: Papyrus, 1991.

SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. **Há dignidade no trabalho com o lixo?: Considerações sobre o olhar do trabalhador.** **Rev. Mal-Estar Subj.** vol.9, n.2, 2009. pp. 689-716.

SILVA, E. M. T.; VIRGOLIN, I. C.; ISRAEL, A. L. P.; VERISSIMO. F.; GUMA, A. **Traços do perfil dos catadores de materiais recicláveis do município de cruz alta/RS.** Rio Grande do Sul, 2011.

SOUSA, C. M.; MENDES, A. M. **Viver do lixo ou no lixo?: A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal estudo exploratório.** **Rev. Psicol., Organ.** Trab.vol.6, n.2, 2006. pp. 13-41.